

INTO THE PURPLE

Nº 2



PERFECT STRANGERS TOUR



NESTE NÚMERO : PERFECT STRANGERS
TOUR; ENTREVISTA COM JON LORD;
ÁRVORE PURPLELÓGICA; A HISTÓRIA
DO DEEP PURPLE; E MAIS: LETRAS,
VÍDEOS E INFORMAÇÕES.

APRESENTAÇÃO

Saudações, purplemaníacos ! Você está começando a entrar no nosso segundo número. Um segundo número que foi feito com todo o carinho, procurando retribuir as alegrias que vocês nos deram com a repercussão do número um. Agradecemos a todos que nos deram seu apoio, de onde pudemos sentir que vocês entenderam o espírito da revista. Mas também acumulamos algumas decepções. Tivemos problema com a gráfica e com a divulgação, que acabaram gerando dificuldades financeiras que quase nos fizeram desistir de tudo.

Mas não é hora de tristezas. O segundo número está aí, repleto de informações, novidades e aperfeiçoamentos, tudo feito com o máximo de empenho de nossa parte para recompensar a atenção de vocês.

Os destaques desta segunda edição vão para a exclusivíssima árvore Purplelógica nas páginas centrais e a entrevista inédita com Jon Lord. Também temos detalhes inéditos da excursão " Perfect Strangers " e o primeiro capítulo da verdadeira história do Deep Purple. Tudo isso mais vídeos, discos, letras e com maior número de páginas !

Para aqueles que nos escreveram e receberam na resposta alguma coisa como " Purple no Brasil em Setembro ", vamos à explicação. Essa informação nos foi passada por Simon Robinson, que é nosso correspondente na Inglaterra e que convive com o pessoal do Purple. Uma fonte como essa merece toda nossa confiança, então passamos a informação a vocês. Mas algo deve ter acontecido que desconhecemos e assim que o Simon nos der o retorno, informaremos vocês novamente.

Por enquanto, vamos curtir a Into the Purple e aguardar o número três sempre com a esperança que nosso sonho maior se concretize: Deep Purple no Brasil !

RADIO ONE with
PAUL LOASBY for Spontaneous Ltd, in assoc. with
PACE CONCERTS and by arrangement with
PARK PRODUCTIONS present



DEEP PURPLE

Ian Gillan Jon Lord Roger Glover Ian Paice Ritchie Blackmore

DEEP PURPLE

PERFECT STRANGERS

THE FIRST LP FOR 10 YEARS RECORDED BY
THE ORIGINAL 'KINGS OF ROCK'.

IAN GILLAN • RITCHIE BLACKMORE • ROGER GLOVER
JOHN LORD • IAN PAICE

COMMENCING THEIR WORLD TOUR IN NEW ZEALAND
TOUR DATES: DECEMBER 2, AUCKLAND. 4, WELLINGTON. 7, CHRISTCHURCH.

PERFECT STRANGERS TOUR

É claro que o prato principal desse número teria de ser a cobertura da Perfect Strangers Tour. Passamos algum tempo pensando na melhor maneira de lhes transmitir toda aquela atmosfera e emoção que cercaram os shows, que nos chegaram de fans que foram aos concertos. A simples descrição do show diminui, de certa forma, o impacto da coisa. Temos em mãos muitas cartas de fans que assistiram os shows dessa excursão. O simples resumo dessas cartas, nos confundiria com uma revista comum, ou seja, fria, sem o menor sentimento. Por isso achamos por bem transcrever integralmente essas cartas. Os relatos que seguem foram ordenados acompanhando a excursão. Começamos pela Austrália, depois Nova Zelândia e chegando até a fase americana.

PERTH, 27 de Novembro... A longa viagem para Perth para assistir ao primeiro show, a princípio me parecia fora de propósito, mas a idéia de perdê-lo era demais para mim! Perth é um lugar divertido e não se vê muita propaganda do show. Mesmo as lojas estão desprovidas de material promocional.

Lá fomos nós. Na platéia 6 a 7000 fanáticos. Sentamos e ficamos assistindo à abertura, uma banda chamada Trilogy (um Rush de segunda categoria). Ao fim disto acenderam-se as luzes: um tempinho pra gente ler o programa.

As luzes se apagam, os assobios começam, um som sintetizado vai preenchendo o local. Gelo seco, strobos, um muro branco vai aparecendo ao fundo e sobre ele é projetado o logo DP. O som vai aumentando, Ian Paice começa a rufar na caixa logo seguido pelo resto da banda que entram com Highway Star, as luzes se acendem... PANDEMONIO TOTAL !!! Todos saltando sobre as cadeiras, loucura !

Nós estávamos numa boa posição com razoável visão.

Lá estão eles: Gillan com seu corte de cabelo lembrando o Ian Gillan Band, e com trajes decentes, ao contrário daquele colete jeans que utilizou até a época do Sabbath. Blackmore, como sempre de preto, com seu olhar nervoso à procura ninguém sabe do que. Glover tocando e aparecendo à sua maneira habitual. Paice tocando macio e bem como sempre e Mr. Lord com olhar de satisfeito completam a banda.

Após Highway Star, apenas um tempo pra respirar e eles já entram rasgando em Nobody's Home, muito parecido com o disco, bom como sempre." Obrigado. É muito bom estar de volta ", agradece Gillan." Nós gostaríamos de transmitir a vocês tudo que aprendemos durante esses anos ".

Segue-se Strange Kind of Woman. Nesta o conhecido "papo" entre Gillan e Blackmore, cada um medindo como estava o outro após 11 anos. Uns pedacinhos de Jesus Cristo Superstar e da valsa Matilda até que a platéia (que não aguentava mais esperar) explodisse em aplausos. Gillan, como nos bons tempos, ainda tentou uns gritos ao fim da música apoiado por um eco, mas...ficava melhor naqueles dias !

Uma passagem de blues e eles entram em Gypsy's Kiss , este número realmente arrepia. "Aqui está uma canção sobre uma briga que nós estivemos envolvidos mas não estamos mais " e após segundos, Perfect Strangers. Esta música também é igual ao disco inclusive no final quando Lord faz uma escala Turca no teclado, genial !

"Esta é outra canção anti-guerra, esta na Alemanha, Under the Gun". Esta e Knocking at your back door seguiram-se como no disco.

O primeiro dos números-massacre é o seguinte, Lazy, que se inicia após uma "confusão de sons" e a introdução de Ritchie. Mais forte que "balançado", eles pulam o ultimo verso, mudam o teclado para introduzir o solo de Paice. Nada além de perfeito, como sempre. Pessoalmente prefiro seu solo mais pesado e rápido (como na época do Gary Moore). "Ian Paice on the drums - yeah !"

A platéia vai ao delírio total quando Lord dá os primeiros toques de Child in Time, com uma grande pergunta pairando no ar: será que Gillan conseguirá gritar como nos velhos tempos ? Um artifício foi utilizado para o último grito: repetir o primeiro passando pelo eco e fazendo Jon tocar o acorde equivalente no sintetizador. Golpe baixo, mas necessário !

" Esta é a primeira vez em um longo tempo", relembra Gillan enquanto os



PERFECT STRANGERS TOUR

spots acham Ritchie mexendo em seus "bass pedals". Breve espaço e eles caem em Difficult to Cure, versão completa, com o busto de Beethoven projetado ao fundo. Passam a bola para Lord que, entre partes de Hammond e partes de sintetizador acaba agradando. Encerra no Hammond e aí já entram em Space Truckin', brilhantemente rearranjada e condensada (ao redor de 15 min.).

De volta para o primeiro encore, Black Night. No segundo Ritchie despeja o riff de Smoke on the water. Só um detalhe: para manter a tradição Ritchie começa sem que Jon e Paice estivessem em seus lugares ! Claro, antigamente diríamos que estavam brigados, entretanto agora foi apenas mais uma brincadeira.

Após a canção, Gillan introduz a banda, e apresenta Roger como um hippie !

Acendem-se as luzes e tudo acabou. Isto realmente aconteceu ? Como um bom filme voce tem de assistir de novo para pegar todas as partes que perdeu, então lá vou eu para Adelaide, 2000 km e tres dias de viagem ! Howard Kehl.

NOVA ZELÂNDIA

Os shows na Nova Zelândia estiveram sujeitos à muita confusão. Problemas com os promotores acabaram por deixá-los para depois da Australia (inicialmente deveriam iniciar a tournee por lá), inclusive provocando o cancelamento de dois shows.

AUCKLAND, 2 de Dezembro. O cancelamento naturalmente transtornou um bocado de gente e obviamente significou que um monte de pessoas não conseguiriam ver o show. Eu mesmo tinha desistido de esperar que fosse com meus amigos. Quando cheguei ao local pareceu que eu também não conseguiria ver a banda. Um grupo de uns trinta rapazes tinha tentado entrar de graça e então a polícia chegou e afastou todo mundo dali, inclusive nós mesmos !

Finalmente, em cima da hora, eles nos deixaram entrar, não é claro com a melhor das maneiras. Bem tudo mudou quando a banda tocou Highway Star, mais rápido que eu jamais havia ouvido. O som não estava muito bom no começo mas depois melhorou. Foi uma combinação de novas e antigas músicas, com Child in Time para mim a melhor. Black Night foi tocada excepcionalmente bem também. Ritchie mostrou que realmente existem

poucos melhores que ele (se é que existem) Quando o show acabou a platéia saiu cantando Smoke on the water enquanto a banda deixava o palco. Um sonho tornou-se realidade para mim. Espero vê-los novamente alguma vez.

U.S.A 85

MAPLE LEAF GARDENS, 1º de Abril. Eu fui um, dos vários, que tiveram de recorrer a cambista. Tive de pagar U\$ 35, embora alguns tenham pago até mesmo U\$ 70.

O show, dizendo sem exageros, estava espetacular. Voce pode acreditar que durou 2 horas ? Poucas notas no te-



clados, uma explosão e então Highway Star. Child in Time foi talvez a única música que Gillan teve problemas, mas eu acredito que a platéia ficaria desapontada se ele não a cantasse. Lord tocando estava fantástico, assim como Blackmore.

Foi muito bom ver todos tão satisfeitos. A reunião é mais que a volta aos bons tempos, é mais que qualquer coisa ! Andy Szczepanic.

JOE LOUIS ARENA. Eu vi o Deep Purple aqui em 19 de fevereiro e outra vez em 11 de março. As músicas foram as mesmas exceto por uma pequena "jam" de Rat Bat Blue antes de Speed King: Ian cantou apenas a primeira linha e então esqueceu o resto. O show de 11 de março foi o melhor dos dois devido à atmosfera geral da banda. Ritchie particularmente pareceu estar de bom humor, rindo e brincando. O solo de Paice esteve ótimo assim como o de Lord, um pouco longe. Strange Kind of Woman foi para mim a melhor canção da noite. Você não pode imaginar como Ritchie e Ian alongaram o duelo voz/guitarra, mais longo que do Made in Japan. Speed King também estava excelente com uma pequena "jam" de Burn, com o que Ritchie encerrou.

As novas músicas foram bem tocadas. A faixa título especialmente esteve ótima e Knocking at your back door também, com Ritchie a tendo tocado uma oitava abaixo. De todas Under the Gun foi a melhor. Jason Chepeka.

NEW JERSEY, 25 de Março de 1985.

Girschool abriu o show. Indiferente é o que se pode dizer sobre elas. Com sinceridade, elas perceberam sua situação de abandono e adotaram uma postura de senso de humor, após quatro canções em que não conseguiram agitar ninguém na platéia. Exceto por aquele garoto à direita do palco de olho na cantora que usava apenas metade de um



T-shirt.

O show começou com um som de órgão previamente gravado. Então como esperado, uma moderna versão de Highway Star. Havia algum tipo de efeito de sintetizador nos teclados. Ritchie olhava com habitual tom de exigência.

Seguiu-se Nobody's Home, idêntica ao lp, como idênticas estavam todas as músicas de Perfect Strangers. Após esta veio uma quase-perfeita Strange Kind of Woman. Completa, inclusive com o duelo Gillan / Blackmore. Ritchie nos deu um pouco do estilo irlandês de tocar e cutucou Gillan com umas poucas linhas de Jesus Cristo Superstar. Ritchie definitivamente estava endiabrado esta noite.

Seguiu-se um blues de Ritchie, nada que eu tenha ouvido dele antes. Isto introduziu Gypsy's Kiss, Under the Gun e Perfect Strangers, esta última apoiada por uma série de efeitos de laser. Após isto voltamos para os bons velhos dias: uma versão standart de Lazy, mas com o solo de Paice no meio (eu não posso realmente fazer justiça ao solo, pois não sou conhecedor de bateristas. O único solo que tinha gostado antes foi o de Cozy Powell, acompanhando a Abertura 1812).

Até este ponto, Ritchie tinha sido o principal solista, com Jon muito discreto (sombra do Whitesnake). Felizmente, até o fim do show eles dividiram em partes iguais o departamento de solos.

Child in Time foi a seguinte, estava muito boa, apesar do excesso de reverb nos vocais. Após Knocking at your back door, veio Beethoven, quero dizer, Rainbow com o clássico Difficult to Cure. O painel de fundo que mostrava a capa do In Rock passa agora a mostrar um monte de notas musicais. Muito divertido.

E então para o gran-finale nada mais nada menos que Space Truckin! Ambos os solos, de Ritchie e Jon, estiveram notáveis aqui, mas por diferentes razões. Jon nos levou a uma história da música, começando com Fur Elise entrou por alguns clássicos Folks, chegando até a um piano Honky Tonk, fechando com 2001 uma odisséia no espaço. O cenário que para Space Truckin' era um feixe de estrelas, mudou para um psicodélico azul e vermelho que parecia, parecia, bem, eu não sei bem o que parecia! Ritchie por outro lado tinha um novo brinquedo, que parecia um controle de balance gigante. Isto fazia o som ir da frente do palco para atrás da platéia (onde haviam caixas colocadas). Então, para frente, então



para trás, para frente, para trás. Devido à acústica ou ao equipamento, não se conseguia ouvir direito o que ele estava tocando.

E então, se estivessemos em 1973, teria acabado. Mas estamos em 1985, temos um encore ! Enormes balões são lançados na platéia e nós ouvimos alguns acordes de Woman from Tokyo e então uma fantástica versão de Speed King apresentando mesmo um solo de Roger. E o conveniente climax do sacrifício da guitarra. A banda sai do palco e a platéia continua a gritar e a chamar para outra volta. E o logo DP continua brilhando em toda glória do laser. E então, acabou. E não teve Smoke on the Water. DEPOIS DE 12 ANOS DE ESPERA E NÃO TEVE SMOKE ON THE WATER !!!

Das 18000 pessoas, 15000 sabiam que a culpa era de Ritchie, 2999 não ligaram, e o último era aquele garoto que continuava gritando por um encore da Girschool !

Sinceramente, eles fizeram um bom trabalho, eles tocaram durante um bom tempo para nós, quase 2 horas, e eles tocaram quase tudo, exceto Black Night. E SMOKE ON THE WATER !

PERFECT STRANGERS TOUR

CITY	VENUE	DATE	ATTENDANCE
HOUSTON	THE SUMMIT	1-24-85	SOLD OUT
DALLAS	RENUION ARENA	1-25-85	SOLD OUT
SAN ANTONIO	CONVENTION CENTER ARENA	1-26-85	SOLD OUT
EL PASO	COUNTY COLISEUM	1-28-85	SOLD OUT
SAN FRANCISCO	COW PALACE	1-31-85	SOLD OUT
LONG BEACH	THE ARENA	2-1 & 2-85	2 SELL OUTS
PHOENIX	THE COLISEUM	2-4-85	SOLD OUT
SAN DIEGO	SPORTS ARENA	2-5-85	SOLD OUT
ALBUQUERQUE	TINGLEY COLISEUM	2-7-85	SOLD OUT
DENVER	McNICHOLS ARENA	2-8-85	SOLD OUT
ST. LOUIS	CHECKERDOME	2-12-85	SOLD OUT
KANSAS CITY	KEMPER ARENA	2-13-85	SOLD OUT
MINNEAPOLIS	THE MET CENTER	2-5-85	SOLD OUT
CHICAGO	PAVILLION	2-16 & 17-85	2 SELL OUTS
DETROIT	JOE LEWIS ARENA	2-19-85	2 SELL OUTS
		3-11-85	
CLEVELAND	RICHFIELD COLISEUM	2-20 & 21-85	2 SELL OUTS
PHILADELPHIA	THE SPECTRUM	2-23-85	2 SELL OUTS
		3-26-85	
PITTSBURGH	CIVIC ARENA	2-24-85	SOLD OUT
NEW HAVEN	THE COLISEUM	2-26-85	SOLD OUT
WORCESTER	CENTRUM	2-28-85	3 SELL OUTS
		3-2 & 3-85	
PROVIDENCE	CIVIC CENTER	3-4 & 5-85	2 SELL OUTS
NEW JERSEY	THE MEADOWLANDS	3-9 & 25-85	2 SELL OUTS
CINCINNATI	THE GARDENS	3-12-85	SOLD OUT
INDIANAPOLIS	MARKET SQUARE ARENA	3-12-85	SOLD OUT
JACKSONVILLE	THE COLISEUM	3-15-85	SOLD OUT
HOLLYWOOD	THE SPORTATORIUM	3-6-85	SOLD OUT
LAKELAND	CIVIC CENTER	3-17-85	SOLD OUT
OTTAWA	CIVIC CENTER	3-28-85	SOLD OUT
QUEBEC	COLISEE de QUEBEC	3-29-85	SOLD OUT
MONTREAL	MONTREAL FORUM	3-31-85	SOLD OUT
TORONTO	MAPLE LEAF GARDENS	4-1-85	SOLD OUT
ST. PAUL	CIVIC CENTER	4-3-85	SOLD OUT
VANCOUVER	PACIFIC COLISEUM	4-6-85	SOLD OUT
PORTLAND	COLISEUM	4-8-85	SOLD OUT
SEATTLE	TACOMA DOME	4-9-85	SOLD OUT



INTO THE PURPLE

Uma Publicação da
Sociedade Brasileira dos Apreciadores do
DEEP PURPLE

Nº 2 - Novembro/Dezembro de 1985.

Responsáveis: Roberto Silva e Souza

João Cucci Neto

Agradecimentos: Simon Robinson

Fernando

Sonia (arte)

Beto Peninha

Wop Bop Discos

Paulinho (tradução)

Angel

Posters!



PERFIL: JON LORD

Na seção Perfil desse número dois, vamos introduzir uma modificação, não provocada por qualquer motivo especial, mas apenas porque julgamos interessante e sobretudo oportuna, a publicação da entrevista abaixo. Não apenas por nos revelar fatores que contribuíram para a volta, mas também por satisfazer nossa curiosidade à respeito da dissolução da banda em 1973 (da Mk 2).

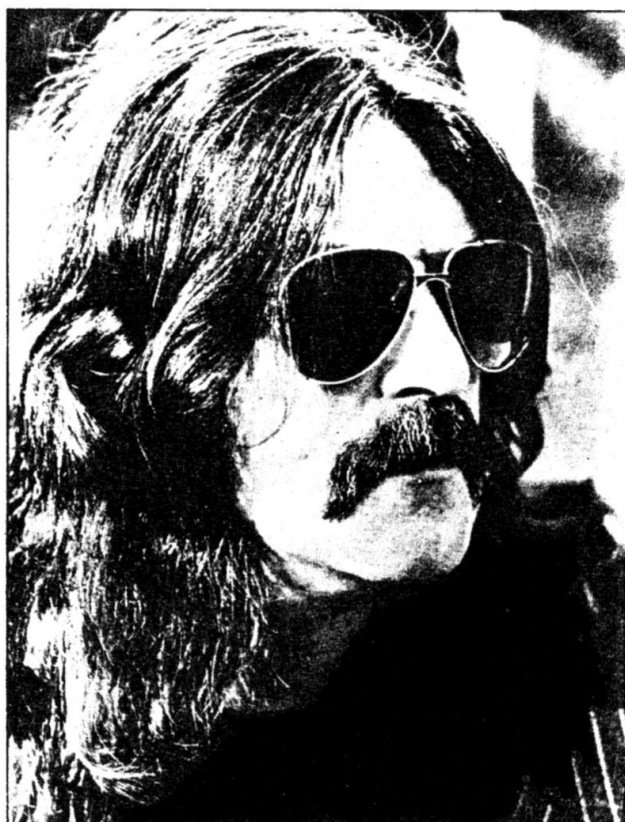
Nos primeiros dias que se seguiram ao anúncio da volta do Purple, o repórter da revista inglesa Kerrang, Geoff Barton fez uma série de entrevista com os membros da banda, versão anos 80. A primeira delas foi com Jon Lord, e é esta entrevista que passamos a relatar a vocês na íntegra a partir de agora.

Dinheiro pode ter sido uma das razões para a volta, mas existem outras maiores e mais importantes. Uma delas é uma pura vontade de injetar um pouco de classe de volta ao rock'n roll. Outra é o desejo de provar que eles ainda são os melhores, depois de todos esses anos. Existe também o grande sentimento de amizade por parte de todos, que querem se rever após anos separados. E acima de tudo existe a grande cortiça de tocarem juntos novamente. Nesta primeira série de entrevistas eu conversei com o tecladista Jon Lord, e o deixo falar por si, com o mínimo de interferência. Jon é, como sempre, um gentleman, lúcido e muito inteligente. Ok, vamos a ela:

G.B.- Ouvindo Perfect Strangers, uma das primeiras coisas que eu saquei foi como vocês parecem estar se divertindo. Você principalmente, parece estar curtindo adoidado poder tirar um puta som no "velho Hammond".

J.L.- Ah! sim, nós estamos sem dúvida nos divertindo muito. Mas, dá um tempo, posso fazer um comentário antes de iniciarmos de verdade? Eu sei que você (G.B.) não era um puta fan do Whitesnake, mas eu não estou aqui pra meter o pau nos caras. Afinal eles me "vestiram" e "alimentaram" por cinco anos! Mas sabe, eu cheguei num ponto de me sentir muito restrito na banda (Whitesnake). Algumas vezes eu me sentia como uma conveniente e "portável" orquestra. Portanto, só de voltar com esses caras (DP) e me ser dada a oportunidade de mostrar todo o meu talento e habilidade novamente, bem...eu acho uma maravilha!

G.B.- Sem dúvida, com o som dos anos 80, muita gente vai achar o teu estilo de tocar



orgão um pouco ultrapassado...

J.L.- Eles podem até achar Geoff. Eles podem até achar mesmo. Mas eu diria isto a meus detratores ou aos detratores do Purple: Porque uma banda de rock ainda no seu maior pique, na sua melhor forma, não pode existir, a despeito do "gosto" de alguns ou desse som dos anos 80, como voce diz ? A música é uma linguagem internacional, um receptáculo para as emoções e os sentimentos das pessoas. É um dos tipos mais abrangentes de arte, e na verdade, tem lugar pra todo mundo. Talvez as pessoas devessem abrir mais os ouvidos e a cabeça antes de condenar a volta do Purple. Ou será que isto é esperar muito ?

G.B.- É mas a gente não escuta muito um som de Hammond hoje em dia, não é ?

Lord- É mesmo. É uma pena, pois é um grande instrumento, infelizmente um pouco negligenciado na minha opinião. Claro, eles não fabricam mais - mas só porque a patente do órgão expirou e eles se esqueceram de renovar ! O estilo de tocar Hammond no rock é mais ou menos o mesmo que eu, Keith Emerson ou Rick Wakeman usávamos algum tempo atrás. Então, porque ele (o Hammond) não pode ser tocado agora como era antes ? Afinal, não faz tanto tempo assim...

G.B.- É, talvez não em "anos", mas em termos de rock'n roll é quase uma eternidade.

Lord- Eu não acho. Exceto algumas poucas coisas que tem acontecido no mundo do rock, o resto, de uns quatro anos pra cá, não passa de um monte de cópias e plágios. A maioria dessas bandas "metaleiras" parecem ter tomado o Purple, o Sabbath e o Zeppelin como seus grandes influenciadores, para seus pontos de partida. Mas ao fazer isto, eles se tornaram muito repetitivos, sem perspectiva, parecem que não vão a lugar algum. Eu particularmente não gosto do termo "Heavy Metal", mas eu posso entender porque "certas" bandas se intitulam assim...

G.B.- E o Purple, nunca foi uma banda de heavy metal ?

Lord- NUNCA ! Nós nunca usamos braceletes metaleiros ou posamos para fotos cuspidando sangue pela boca. Ok, ok, isto é para um tipo de pessoa que está num estilo diferente do nosso, eu não condeno.

Mas olha, o bom de nossa reunião é que nenhum dos membros foi "obrigado" a sair de seu grupo, "arrancado a força" do seu grupo pra entrar na banda gritando "não ! eu não quero ir !", não existiu esse tipo de coisas mesmo. Foi só cinco caras que estavam tocando em outras bandas e que decidiram tocar juntos de novo, Portanto existe uma grande cortição no que fazíamos antes e no que estamos fazendo agora, o que é uma coisa que não acontece muito hoje em dia.

Eu quero dizer que a linha não mudou muito. Eu escuto muito os riffs do Blackmore nestas bandas metaleiras de hoje em dia, e penso: "Pô, o Blackmore já escreveu isto em 71...", daí voce vê que as raízes do Purple são muito mais diversas e abrangentes que muitas bandas de heavy metal de hoje em dia.

G.B.- Voces não tiveram de mudar nada. De certa forma voces foram os pioneiros.

Lord- Bem, nós tivemos de "inventar" algo. Nós tiramos do jazz, nós tiramos de antigos rock'n roll, nós tiramos do clássico, nós tiramos daqui, dali, de todo lugar. Nós eramos como magicos musicais de uma certa forma, e eu achava isto o maior

barato. E como eu disse, muitas das bandas de heavy metal não foram tão longe como o Purple, o Sabbath...

G.B.- E voce acha que elas deveriem ?

Lord- Bem, talvez não, mas elas poderiam tentar sabe ? Ritchie e eu costumávamos fazer coisas no palco que eram puro jazz clássico. Nós



costumávamos brincar e atacar com a música. Ele (Ritchie) tocava algo e eu tinha de fazer a música combinar. Isto trazia um senso de humor, uma tensão no palco, um sentimento de "Pô, que vai acontecer agora ?" A platéia não entendia nada, e muitas vezes nós também não !

Quando nós começamos a ensaiar o material para Perfect Strangers em Vermont, eu me lembro do Ritchie chegar pra mim e dizer: " Como voce consegue tirar este som do seu órgão ? Eu procurei durante os últimos sete anos por tecladistas que pudessem tirar esse som. Voce conseguiu de cara, e eu gastei um monte de tempo tentando fazer os outros fazerem o mesmo". Eu disse: " Bem, voce tinha de me achar pra começar". Isto não me faz mais esperto que outros caras, isto faz apenas eu ser eu mesmo. O que eu quero dizer é que o Ritchie havia levado anos no Rainbow procurando uma coisa que ele nunca iria achar.

G.B.- Voce obviamente deve achar que existe um lugar nos anos 80 para o virtuoso e sofisticado rock do Purple.

Lord- Nós achamos que sim. Quando nós finalmente decidimos nos reunir depois de tantos rumores e falsos começos, eu devo admitir que comeci a ficar entusiasmado com a idéia, não só por causa de mim mesmo, mas por causa do mercado musical...voce sabe, uma daquelas clássicas bandas de rock estava voltando pra tocar e por o pé na estrada novamente. Isto não é uma declaração egocêntrica, é apenas como eu me senti naquele momento. E eu de fato, ainda me sinto assim. Eu estou feliz de ter voltado porque eu acho que de uma certa "estranha" maneira, nós podemos ajudar. Isto pode ser esquisito eu sei. Eu quero dizer, só por que nós voltamos juntos não significa que nós vamos mudar o mundo ou coisa assim, mas na verdade vai injetar um pouco de coisa boa no mercado musical. Eu sei que isto pode parecer um pouco de convencimento, mas é o que eu acredito.

G.B.- As pessoas dizem que voces só voltaram por causa da grana. Um milhão de dólares pra cada um, né ?

Lord- É mesmo ?? Olha, eu não vou ficar gastando toda minha energia tentando me desculpar. O que eu vou dizer é simplesmente isso: chega mais e escute a gente. E se no fim da noite (show), depois de escutar o disco ou depois de um ano que a banda vem mostrando o trabalho que nós mostramos, voce continuar a achar o mes-

mo, então, pô, pode se mandar e continuar acreditando nestas besteiras. Nossa única chance de mudar esta opinião é por exemplo - isto está ficando muito sério Geoff - e não deveria ser assim por que rock'n roll só tem a ver com divertimento e curtição, e todos nós no Purple estamos nos divertindo "paca". Nós sempre curtimos adoidado, até aqueles poucos "amargos" meses...

G.B.- Quando o Purple II se separou ?

Lord- Sim. Porque , pra mim, quando essa formação se dissolveu, o Purple acabou. É claro, eu sei que nós continuamos com o David e o Glenn, e depois o Tommy, mas... não sei, nunca mais foi o mesmo. Os últimos meses do Purple II foram terríveis. Eu tenho certeza que nenhum de nós ousaria querer curtir um baixo astral tão miserável quanto aquele...

G.B.- O que, exatamente, causou a separação da Mk II ?

Lord- Em 1972 nós estávamos na estrada sem parar há 44 semanas. Seis noites no palco, um dia de folga, por 44 sólidas semanas. E havia também toda aquela terrível pressão sobre nós o tempo todo. Eu acho que o Ritchie não vai se importar se eu contar, mas...a única vez que eu vi o famoso sangue-frio do Blackmore ir por água abaixo, foram naquelas 44 semanas, um pouco antes do show em San Antonio, Texas. Nós estávamos levando um papo no corredor do hotel e caminhando quando, de repente, cadê o Ritchie ? Ele havia desaparecido. Então eu procurei em volta e o achei encostado em uma parede... com lágrimas rolando pela face. Eu perguntei se ele estava legal e ele disse: " Não sei, me sinto meio esquisito ". Eu perguntei por que ele estava chorando e,... ele nem sabia que estava chorando ! Eu fiquei apavorado e gritei: " Chamem os roadies ! Achem os empresários ! Suspendam o show", nós levamos o Ritchie de volta ao quarto, fizemos ele tomar um bom brandy e felizmente ele voltou a si e melhorou.

Eu nunca mais vou querer tal pressão em cima de mim novamente. Portanto na nossa primeira reunião no começo deste ano (84), quando nós começamos a falar sobre nossa possível volta, eu me lembro de ter dito: " Ok, se nós voltarmos vamos fazer uma coisa, vamos nos certificar de ter um tempo só pra nós. Eu talvez queira dar uma volta pelo centro de Phoenix, Arizona, curtir um pouco em vez de passar "voando" pela cidade. Vamos dar um tempo e nos divertir. Mesmo que com isso a gente perca dinheiro, dane-se, vamos fazer assim mesmo.

G.B.- E é isso que vocês vão fazer ?

Lord- Exato. É isso que vamos fazer, e esta é a verdadeira razão porque eu acho que esta nova reunião do Purple vai ser de longa duração. Eu quero dizer que estou adorando tudo isto, meus dedos estão trabalhando de novo, minha cabeça está trabalhando de novo, e eu sinto o maior pique no que eu setou fazendo. Voce sabe, todos aqueles anos no Whitesnake, e eu ainda ganhava votos como melhor tecladista, mas...eu sempre achava tudo aquilo um pouco de mentira. As pessoas votavam em mim pelo que eu era, pela minha reputação e não pelo que eu estava fazendo. Mas agora que eu voltei ao Purple eles terão oportunidade e razão para votar em mim como número um.

∩m∩.□-1 / JON LORD

A HISTÓRIA DO PURPLE

1º CAPÍTULO : AS RAÍZES

Um industrial de roupas e um baterista de um grupo desconhecido. O que isto tem a ver com o Purple? Muita coisa. A partir de agora será relatada uma das muitas histórias estranhas que o rock já produziu. O baterista em questão chama-se Chris Curtis. Seu conjunto foi formado na esteira daquilo que se intitulou "invasão britânica" nos EUA, por volta de 1964 e seu forte eram as harmonias vocais bem trabalhadas. The Searchers alcançou algum sucesso com a regravação de Needles and Pins, de Jackie de Shannon, que andou frequentando as paradas inglesas. Como o sonho de estourar na América não veio, Chris deixou o grupo meio desiludido. Deste ponto nós passamos para os escritórios da firma Alice Edwards Ltd., uma indústria de confecções inglesa. Tony Edwards era um dos proprietários, um cara de 34 anos que andava meio aborrecido com a monotonia do escritório. Tony viu no desejo de sua garôta, de se tornar uma cantora, uma



The Searchers

chance de novas experiências. O nome dela: Ayshea Hague. Produzindo Ayshea, Tony acabou estabelecendo contatos com várias pessoas do meio artístico londrino. O contato mais importante ocorreu num jantar, onde ele conheceu Chris Curtis. O contato seguinte entre os dois demorou quase um ano. O silêncio foi quebrado por Chris que ligou convidando Tony para uma sociedade como empresários. Tony, entusiasmado, aceitou na hora, embora salientando que era na verdade um amador. Chris Curtis nessa época, previa que um novo movimento musical nasceria para substituir o panorama da época, formado de suas canções pops. Chris sabia que um som mais livre de padrões, mais pesado, estaria por surgir. Eram os primórdios do rock progressivo, formado por músicos com habilidade suficiente para tocá-lo.

Nesse ponto entra em cena um novo e importante personagem: John Coletta. John era o diretor da agência de publicidade Castle, Chappel and Parkness, cujos escritórios ficavam nos andares de cima dos da Alice Edwards. Tony, que anteriormente já havia procurado os serviços da CCP, procurou John para uma sociedade no projeto de Curtis. Assim como Edwards, Coletta não tinha experiência nenhuma no show-biz profissional e acabou aceitando a sociedade envolvido pelo entusiasmo de Tony, que o contagiara.

Nessa altura, Curtis já tinha a sociedade, o dinheiro, as idéias. Só faltava mesmo encontrar os músicos para sua banda. Um deles estava bem embaixo de seu nariz. Curtis morava em Liverpool, mas havia conseguido uma vaga num prédio de apartamentos em Londres, onde moravam muitos músicos, inclusive membros do Moody Blues. O edifício se chamava Fulham's Gunter Grove, e Chris se instalou no apartamento de um alto tecladista com influências clássicas, que curtia falar de seus planos. Nome: Jon Douglas Lord.

DEEP PURPLE ROOTS AND BRANCHES



DISCOS

SLIDE IT IN (GHS 4018)

Uma segunda edição (importada-EUA) foi lançada, totalmente remixada, com sensíveis alterações em relação ao lançamento feito no Brasil.

Quanto ao disco brasileiro cabe aqui um comentário. TODOS os Lp's apresentam defeito, com ruídos e chiados excessivos e faixas pulando. Esse problema, de acordo com a gravadora, foi da matriz utilizada, que estava defeituosa. Também segundo a gravadora, a baixa vendagem dos discos do Whitesnake no Brasil não justificaria uma repreensão para a substituição dos Lp's já vendidos. Esse seria o procedimento normal se o consumidor brasileiro fosse respeitado. Mas vamos deixar pra lá (por enquanto) e falar do Lp americano.

As principais diferenças entre os discos, além da óbvia qualidade de prensagem muito superior, começam pela ordem das faixas. No Lp made in USA, a ordem é esta: Lado A: Slide it in/ Slow and easy/ Love ain't no stranger/ All or nothing/ Gambler. Lado B: Guilty of love/ Hungry for love/ Give me more time/ Spit it out/ Standing in the shadow. Quanto às diferenças musicais, a principal é a inclusão de solos de John Sykes no lugar dos de Micky Moody. Além dos solos, há intervenções de Sykes ao fundo de praticamente todas as músicas. Outras diferenças: em Gambler não há o eco da voz de Coverdale. Em All or nothing o solo de Lord fica mais baixo e em Hungry for love ele foi suprimido, diminuindo a duração da música em 30 segundos ! Convém lembrar que a essa altura Lord já havia deixado o Whitesnake. Mais diferenças encontramos na base modificada de Standing in the shadow e no começo de Spit it out, que teve a inclusão de um riff na guitarra antes da entrada da bateria.

Esta remixagem teve como motivo principal a inclusão de Sykes e Neil Murray, uma vez que esta era a formação que excursionava na época e que gravou os clips do disco, onde a trilha sonora é deste Lp americano.

O engenheiro de som responsável foi Keith Olsen e as mudanças da capa limitam-se à disposição da ficha técnica e a exclusão dos nomes dos autores dos solos no envelope das letras (veja também na seção notas, mais notícias sobre este disco).

THE DEEP PURPLE ANTHOLOGY

A esta altura todos vocês já devem ter adquirido esta antologia. Caso contrário, o façam imediatamente, pois esta coletânea é item indispensável em qualquer discoteca Purple. À parte de sua importância discográfica, pois traz várias faixas inéditas, convém notar que este lançamento exprime a inconsolável dor de cotovelo da EMI em perder seus antigos contratados para a concorrente Polygram. Além disso, já que o alvo desse lançamento somos nós, fanáticos, achamos que o álbum poderia ter saído simples. A inclusão de faixas já gravadas em Lp's anteriores são de conhecimento de todos e só serviram para engordar o caixa da gravadora. Como destaque temos as seis faixas inéditas no Brasil, as fotos e o texto, escrito por Chris Charlesworth, o mesmo autor do livro comentado no número anterior.

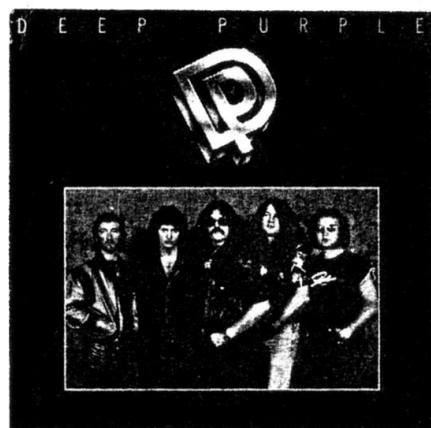
WHITESNAKE HAMMERSMITH ODEON - PART ONE/PART TWO

Alguns de vocês devem ter ficado intrigados com uma foto do número anterior que parecia uma capa de disco pirata do Whitesnake. Pois fiquem sabendo que realmente é ! Trata-se de um album duplo, vendido em capas separadas, e que contém o concerto do dia 1/6/83. O primeiro traz na capa uma foto de David e o segundo uma de Bernie, ambas as fotos do programa oficial do show. A gravação, a exemplo das fotos, não apresentam boa qualidade. O disco foi gravado a partir de um tape tirado da platéia e se isso não bastasse, apresenta problemas de prensagem. Soldier of fortune aparece listada na capa do 1º disco, mas não foi gravada por falta de espaço, o que é uma pena, já que no terceiro lado, espaço é o que não falta. A lista completa das músicas é: A: Shadow of the blues/ Rough and ready/ Ready an' willing/ Don't break my hear/ here I go again. B: Love hunter/ Crying in the rain. C: Lord and Powell's solos. D: Ain't no love/ Fool for your loving/ Wine women and song/ We wish you well.

DEEP PURPLE : PERFECT STRANGERS / SON OF ALERIK

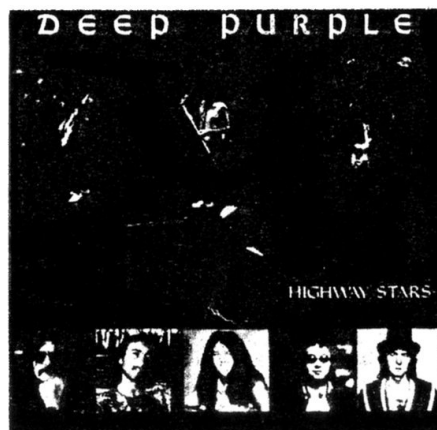
Não se preocupe. Não saia desesperadamente em busca desse compacto com medo de ficar sem, pois existem milhares deles ... em Londres !

Trata-se daquela habitual faixa que "não coube no disco", que no fundo não passa de um truque de marketing. Son of Alerik é o lado B do hit Perfect Strangers, faixa-título do compacto. É uma faixa instrumental, com o tradicional virtuosismo dos membros da banda. Há um predomínio da guitarra de Blackmore, o que em alguns momentos nos lembra passagens do Rainbow. O arrepiante desse instrumental é quando surge, quase ao final da faixa, Mr. Gillen rasgando com um grito, bem ao fundo.



DEEP PURPLE : HIGHWAY STARS (Mint Records M2 1984/1985)

Esse foi o segundo pirata a sair as ruas depois da volta (o primeiro chama-se Back in action). Apesar de pirata, sua capa é melhor do que muitos discos oficiais, com fotos coloridas na capa e contracapa, além de uma reportagem sobre o show, lista de músicas com o tempo de duração e inclui também um encarte com uma foto da banda e datas da turnê na Austrália. O album foi gravado em 30 de novembro de 1984, em Adelaide, Australia. É portanto o registro do segundo show da turnê da volta. A prensagem e o som são muito bons. A relação das músicas: A: H. Star/Nobody's home/Strange K.of woman/gypsy's kiss. B: Perfect strangers/U. the gun/knocking/ Lazy. C: D.T.Cure/ Lord solo/S.Truckin'. D: S.Truckin'(cont.) B.Night/S.King/ Smoke on the water. Este disco nos trouxe uma dupla emoção. A primeira por ter em mãos o registro dos primeiros sons da banda. E a segunda ao ouvirmos o início da show, com o riff de highway star cercado enquanto a platéia delira. Parece que estamos em 72 novamente !



LETRAS

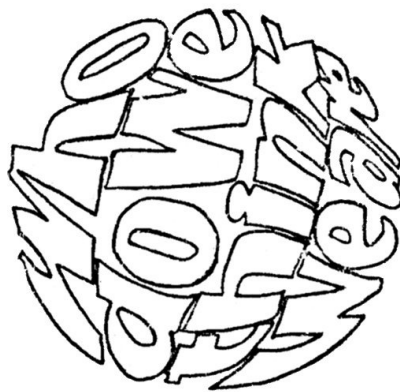
Dando continuidade a esta seção, completamos as letras do Who do We think e apresentamos o lado A de Burn. Para a próxima edição, a nossa sugestão é Long live rock'n'roll. Mas ela pode ser alterada em função dos pedidos de vocês. Escreva-nos sugerindo as letras que mais lhe interessam, para elaborarmos a nossa programação.

PLACE IN LINE

I am living
In this line
I know my place
Could think of no way
Of edging along
In a loser's race
The line was moving
Slowly
Day by night
Everybody's shuffling on
To keep a place in the line

Nine long years
I've been in line
Getting nowhere
There is no reason
For this line
I don't care
Everybody's standing
In the burning sun
Everybody's shuffling on
Keeping pace in the line

Don't you think we're going to make it
We've got a place in line
We're going to make some time
Somehow



RAT BAT BLUE

Hey baby what you gonna do, when the lights go up on you?
What's your name can I drive you home?
Sweet woman are you all alone?
You're the one for me
I'm gonna keep you busy as a bee could be, could be
Rat bat blue

Get up, woman don't be slow
It's getting late and I wanna go
No cause for acting big
Got to love, got to live
Stick around with me
I'm gonna show you things you never thought you'd see, you see
Rat bat blue

Get out! you didn't understand, I'm a hard lovin' man
No way you satisfy
The way you look, the way you lie
And when you shut the door
Make sure I don't see you 'round here no more
Rat bat blue

OUR LADY

Thinking out of line, just to make the sun shine, anyway
I can be like you
Fighting with the truth, trying to hide a fool in a fantasy
I'm dreaming, lay me down and take me now
Our Lady of the skies

Hiding in the sun like a loaded gun, reality
Aiming high at my dream
But I can get along, she makes me strong, anyway
I'm dreaming, there is no other way
Our Lady of the skies

Flying in the sky with a bunch of high fidelity
I can hear your song
Offer me a ring just to show me your sincerity
I'm dreaming, let me go
Our Lady of the skies

BURN

The sky is red , I don't understand, past midnight
I still see the land
People are sayin' the woman is damned
She makes you burn with a wave of her hand
The city's ablaze, the town's on fire
The woman's flames are reachin' higher
We were fools--we call her liar
All I hear - Burn

They didn't believe she was devil's sperm
She said "curse you all--you never learn
When I leave, there's no return"
The people laughed till she said-"Burn"
Warning came--no one cared
Earth was shakin'--we stood and stared
When it came, no one was spared
Still I hear - Burn

You know we had no time
We could not even try
You know we had no time

LAY DOWN, STAY DOWN

I don't care if my lady's gone, as long as you
Give me just what I want
I've been losin' my direction
Got to find a new connection
You have wasted the love I tasted
Now I'm really gettin' hungry more and more
Been a long time, had a bad sign
Tell me what am I fightin' for

Let me know you feel it, you know I really need it
Keep on pushing for more - Lay down stay down
I got something to find, there's one thing
I really need I'm gonna tell you right now - Lay down stay down

Lookin' for trouble, I guess that's right
When I was young I was taught to fight
It's been long gone, seems I had none
Now I'm heading for some more

NIGHT JUST TAKE YOUR LIFE

Got more than I asked for, there ain't nothing I need
Took all till I had more, I'm always takin' the lead
Old men shakin' dice down in the street
Tryin' to make a livin' somehow
But I'm really sure about gettin' things shought out,
I'm gettin' ready right now
You can't hold me
I have told you
Might just take your life

I've been called by many names
And all of them are bad
I can take it all the same
It's all I've ever had
I've got something that you can't get
But one thing you can see
Gettin' there ain't easy
But it sure was hard for me

Everytime I take a look, there's someone close behind
They never used to make a pass, the things that crossed
their minds
Now they tell me that it's alright
And they want to be my friend
There ridin' on my back
When is it goin' to end

Got more than I asked for
Got more than I need



VIDEO

RAINBOW LIVE IN MUNICH 1977

Sem dúvida, a fase mais apreciada pelos admiradores de Mr. Blackmore durante o Rainbow foi aquela em que ele contava nos vocais com Ronnie James Dio. Entretanto poucas pessoas no Brasil tiveram oportunidade de ver como era o show do Rainbow daquela época, especialmente com aquele palco que aparece na capa do "On Stage".

Recebemos no ano passado uma fita de vídeo com o show completo apresentado pelo Rainbow na Alemanha em 1977 (tivemos oportunidade de apresentá-lo em uma sala aqui em São Paulo, também no ano passado, e em breve pretendemos reunir nossos leitores para apresentá-lo novamente).

Este vídeo não é oficial, ou seja, não existe para venda em lojas no exterior. Foi gravado da TV alemã, de um programa que leva ao ar apenas shows de rock. A gravação que temos é muito boa, apesar das falhas, tendo apenas uma queda de qualidade na música "Catch the rainbow", entretanto a qualidade volta a melhorar após isto sendo que o final do show com a música "Long live rock'n'roll" é sensacional, quando Dio rege o coral de vozes do ginásio lotado. O Rainbow neste ano contava ainda com Bob Dasley no baixo, David Stone nos teclados e Cozy Powell na bateria.

Outro astro do show é o arco-íris que fica à frente do palco. Vocês podem observar pela capa do álbum ao vivo como ele era, agora imagine que as cores não eram fixas, ou seja, havia uma troca de cores permanente no arco-íris, e em vários sentidos, da direita para a esquerda, de cima para baixo.

O vídeo apresenta todas as músicas contidas no álbum "On Stage" (estou falando do duplo importado !) e mais algumas do álbum "Long Live rock'n'roll", além de solos de Powell, Stone e Blackmore. A abertura é semelhante, com "Kill the King".

É difícil tentar selecionar algum momento de destaque do show, pois o mesmo é literalmente "um massacre". Algumas menções entretanto devem ser feitas por serem desconhecidas do público brasileiro: quem possui o álbum Long live rock'n'roll deve ter notado uma participação bem discreta do tecladista dinamarquês David Stone, se perguntando como Blackmore foi substituir Tony Carey por ele. Encontramos a resposta ao ver sua atuação ao vivo. É simplesmente perfeita, faz um solo de incrível beleza e seus toques clássicos o afirmam como integrante da orquestra regida por Blackmore.

Outra surpresa é o encore, com a música "Do you close your eyes". Ao final da música Blackmore dá uma sensacional dispensada em Dio (nessa época eles já não se davam muito bem) e ele sozinho faz o fim do show, destruindo sua guitarra em pedaços.

DEEP PURPLE RISES OVER JAPAN

Aqueles que como nós acompanham as reportagens estrangeiras do Purple, devem ter visto nos catálogos de lojas européias e japonesas este vídeo. Muitos nos perguntam se este já traz o novo Purple recém-reunido.

Não, este não é o novo show do Purple. Este show é o Last concert in Japan com Tommy Bolin, David Coverdale, Glenn Hughes, Ian Paice e Jon Lord. Em outras pala-

bras é mais uma forma de faturar em cima da volta, que os antigos promotores do Purple arrumaram. Não que o vídeo seja ruim, entretanto é visível que querem aproveitar a promoção que existe pela volta. Bem, melhor para nós que vamos conseguindo um arquivo mais completo sobre o Purple.

O vídeo inclui: Burn / Love Child / Smoke on the water / You keep on moving / e Highway Star. É interessante observar o delírio do público japonês ao fim do show, chegando ao ponto de Glenn Hughes ter de pedir calma à platéia para evitar uma invasão do palco. Não adianta: ao fim do show um fan sobe ao palco e agarra Tommy Bolin, só sendo separado pelos seguranças !

Atenção. Como dissemos anteriormente, estamos à procura de uma sala em São Paulo para apresentarmos os vídeos de nossos arquivos. Isto seria uma boa forma de promovermos reuniões Purplemâniacas periódicas. Para que voce saiba dessas reuniões antecipadamente, escreva para nós. Voce estará automaticamente catalogado e será avisado de qualquer evento que promoveremos, right ?

SERVIÇOS

Nº 1 - O número 1 da Into the Purple encontra-se à venda (edição histórica !), ainda disponível, por dez mil cruzeiros mais mil para quem fizer o pedido pelo correio.

CAMISETA -

Atendendo à inúmeros pedidos, transmitamos uma incrível camiseta para os membros da S.B.A.D.P. É igual à da tournee Perfect Strangers, com o logo DP à frente, e nas costas a foto dos cinco, como no LP.

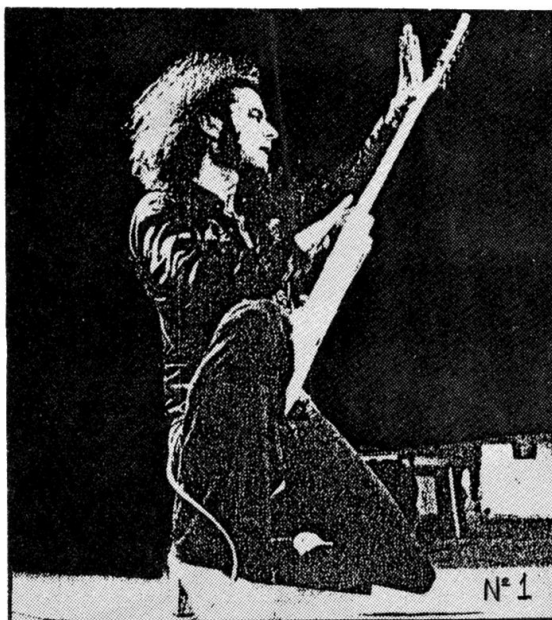
Tamanhos: de 44 a 48 -Cr\$ 40 000
50 e 52 -Cr\$ 45 000

Côr : preta

pedidos pelo correio some mais tres mil cruzeiros.

GRAVAÇÕES

Outro item muito solicitado por todos foi que colocássemos nossos arquivos à disposição de todos. Desta forma se voce quiser alguma gravação solicite nosso catálogo (que por sinal estamos acabando de compilar). Temos fitas cassete e vídeos.



Toda remessa de valores deve ser feita por vale postal (que leva em média 3 a 4 dias para chegar aqui) e em nome de:

Roberto Silva e Souza

Cx. Postal 2960 - São Paulo

CEP 01051 - SP

Solicitamos a todos que aguardem por volta de dez dias para entrega de qualquer item (antes que comecem a nos xingar !).

DISCOGRAFIA

トミー・ボリン / TOMMY BOLIN

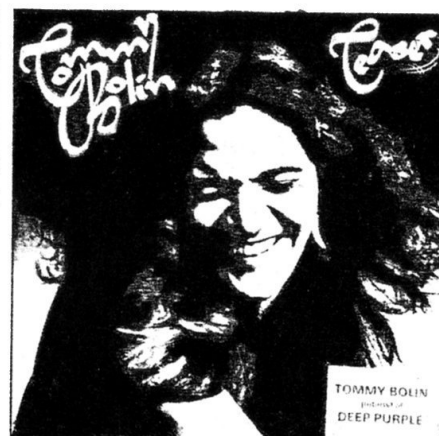
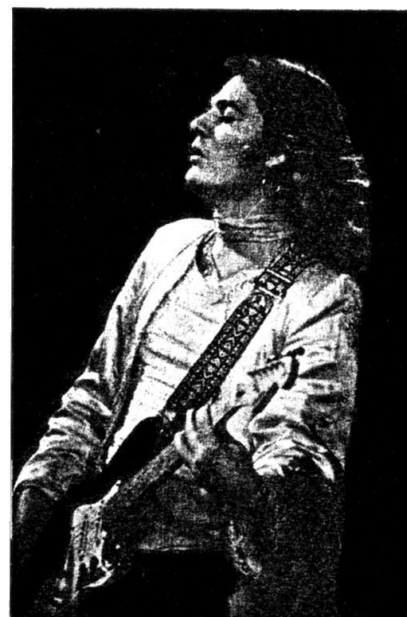
Esta seção teve sua "avant-premiere" no primeiro número, na parte das notas. Daqui pra frente será uma seção constante. Nesta edição o complemento da discografia de Tommy Bolin. Nas próximas, a relação completa dos compactos do Purple. Aguardem !

TOMMY BOLIN

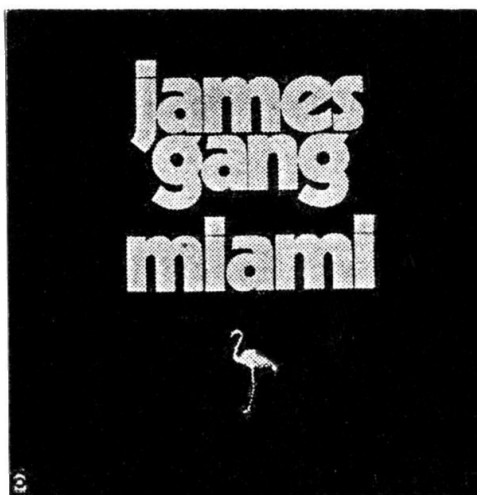
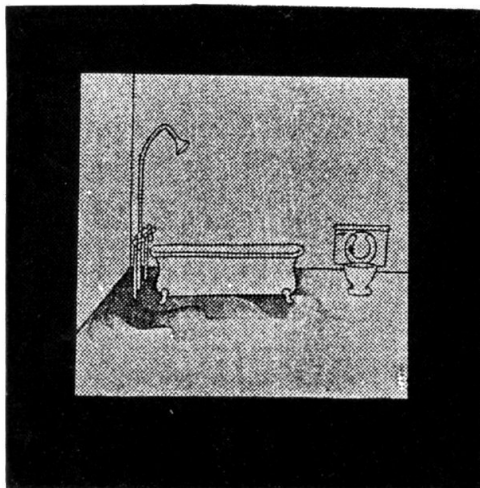
- 1970 - Zephyr - Zephyr
- 1970 - Zephyr - Going back to Colorado
- 1971 - Zephyr - Sunset Ride
- 1974 - James Gang - Miami
- 1975 - Tommy Bolin - Teaser
- 1975 - Deep Purple - Come Taste the Band
- 1976 - Moxy - Moxy (provavelmente gravado durante a tournée americana do Purple no início de 76. Bolin foi convidado a participar do segundo álbum do grupo, após ter deixado o Purple)
- 1977 - Deep Purple - Last Concert in Japan

Essa relação completa a do número anterior. Os anos indicados são os do lançamento nos EUA, exceto o último, no Japão.

Essa discografia foi conseguida após muitas pesquisas e nesse sentido agradecemos ao Milton Artur Araújo, por sua ajuda. Informações complementares serão bem vindas e publicadas oportunamente.



ZEPHYR



NOTAS

Muita neblina pairando sobre o Whitesnake desde que a banda partiu para excursionar nos EUA em junho. Desde então não tivemos informações sobre o que está acontecendo. Há rumores de que a banda havia se desfeito, com John Sykes partindo para seu projeto solo. Entretanto vamos relatar a vocês o que há de concreto, com informações oficiais que havíamos recebido.

Durante o Rock'in Rio, Coverdale e Cia. se hospedaram no Copacabana Palace. Com a chegada de Ozzy e sua banda, Coverdale se encontrou com Don Airey. Este, por sua vez planejava deixar o Ozzy já a algum tempo. Resultado: Don Airey passou a ser o mais novo membro do Whitesnake.

Na bateria, após a saída de Cozy Powell (noticiado no número anterior) muitos boatos, mas a verdade é que quem assumiu a bateria nos estúdios foi Neil Murray (!).

Mas para os que pensam que Coverdale poderia achar melhor candidato, estão enganados ! Na verdade Neil Murray é exímio baterista, instrumento que estudou até os 18 anos. Aprendeu também piano e trombone. Sómente aos 18 anos é que Murray descobriu seu verdadeiro instrumento quando fez (em casa) seu primeiro baixo a partir de partes de uma velha guitarra. E após ouvir seu trabalho com Colosseum II, National Health, Gary Moore e Whitesnake, concordamos que ele optou pelo instrumento certo !

A vinda do Whitesnake ao Rock'in Rio trouxe alguns lucros extras a Coverdale e Cia, através do contrato publicitário com a indústria de cigarros. Desse contrato vieram o comercial de rádio - comentado no número anterior - o filme para a TV, tendo como play-back Love Ain't no Stranger e também um compacto simples. Esse compacto apresenta Love Ain't no Stranger / Slow and Easy. O interessante é que são as versões remixadas (chamado neste disco de American mix). O compacto foi lançado pela EMI (31C 006200652 - 1985), com produção do velho amigo Martin Birch e o engenheiro de som Keith Olsen. A capa não é lá essas coisas. Na frente, praticamente toda área é dedicada a uma foto tipo juventude-bonita-e-saudável-que-pratica-esportes-exóticos, bem característico



DAVID COVERDALE

da imagem que o produto quer transmitir. A identificação fica por conta do logotipo da cobra e de uma foto pequena do Whitesnake no canto superior direito. Na contracapa, invertem-se as posições, com uma foto grande do grupo - a mesma da frente - complementada com o nome das músicas e uma foto pequena da capa. Embora voce acabe pagando um preço exorbitante (custa mais que a Into the Purple !) por um compacto cheio de propaganda, o disco tem seu valor, tanto como peça de coleção quanto pelas versões ligeiramente modificadas das músicas.



GLENN HUGHES

No último número dissemos que a tentativa de Mel Galley de reformar o Trapeze com Glenn Hughes havia furado, pois no último instante Hughes desistiu e optou por se juntar à banda de Gary Moore.

Entretanto, não sabemos ainda as razões mas Glenn Hughes também não se fixou à Gary Moore, tendo deixado sua banda após gravar algumas faixas do novo disco de Moore. O que sabemos no momento é que Hughes voltou a trabalhar com Pat Thrall e ambos já prepararam material para novo álbum. Uma pena pois com Gary Moore certamente formaria uma grande banda. E pelas últimas informações, quem assumiu o baixo na banda de Moore foi Bob Dasley, que também aparece em algumas faixas do novo álbum.

Duas notas para colecionadores: Em abril de 84 Glenn foi convidado para trabalhar em uma trilha sonora, do filme "Phenomena", e este disco já esta disponível no mercado (importado apenas, claro). "Phenomena" traz ainda participações de: Mel Galley, Cozy Powell, Neil Murray e outros.

Segunda: Glenn faz backing vocals em tres faixas do album "Where Angels fear to tread" do grupo Heaven. Na faixa título, na música Love Child (não a do Purple !) e em She Sole my heart



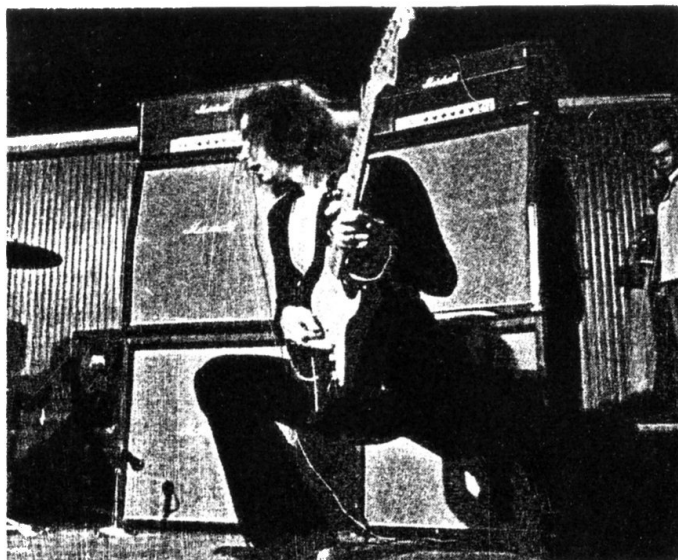
- Deep Purple US Tour terminou em Seattle em 9 de Abril. Mais de meio milhão de pessoas os viram e eles embolsaram U\$ 7 milhões (some mais U\$ 7 milhões referentes a merchandising e voce terá a "ninharia" que eles faturaram). Um pequeno intervalo de um mês e a banda foi para o Japão para alguns shows. Novo intervalo e eles voltam para a Europa para shows em Junho e Julho. Começaram em Estocolmo (14 de Junho) e shows extras 15 e 16. Malmo em 18/19 de Junho e então Knebworth em 22 de Junho. Este festival está sendo co-patrocinado pela BBC 1 Rádio, portanto talvez breve haja um álbum ao vivo gravado daí. Vamos aguardar.

A tournee prossegue em Bruxelas (23 ou 24 de Junho) e um festival em Mannheim em 29 de Junho e outro em Nurnberg em 6 de Julho. Tocam em Paris dia 8 de Julho e possivelmente Marselha dia 11. Então Zurich dia 13. Novo intervalo e a excursão prossegue na América do Sul em Setembro/Outubro ! (ou pelo menos "deveria" vir para cá)

- Há uma chance de um álbum duplo ao vivo. Todos os shows tem sido gravados mas o grupo ainda acha muito cedo para pensar nisto.

- Nós dissemos no último número que a banda havia tocado num pequeno clube da Alemanha durante a mixagem do LP, mas mais detalhes nos chegaram e o que exatamente aconteceu foi o seguinte: Toda a banda estava em um clube chamado Biersdorf assistindo Ritchie dar uma canja com o grupo que lá tocava. Ele persuadiu o resto do grupo a subir para tocar um número: Lucille. É uma foto desse momento que aparece no encarte de Perfect Strangers. Não havia teclados e portanto Jon continuou bebendo no bar !

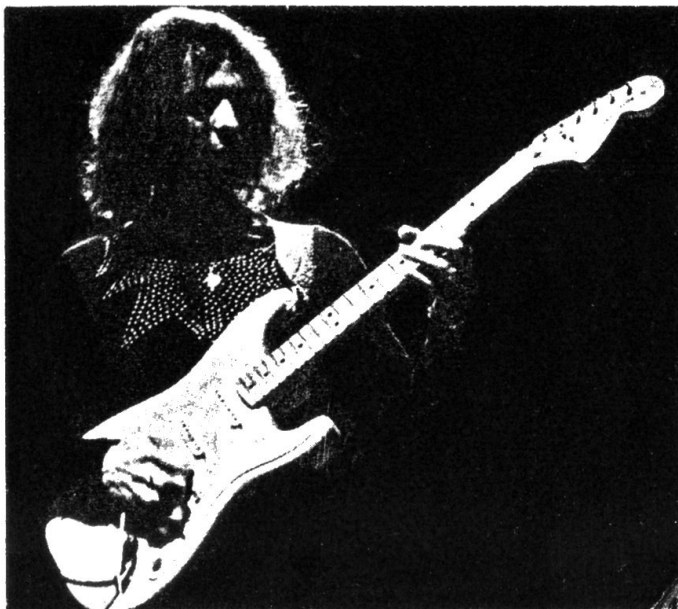
- De volta ao álbum: Perfect Strangers vendeu 10000 cópias em uma semana na Finlândia. Permaneceu 10 semanas entre os 10 mais vendidos na Suécia fechando nos últimos dados recebidos com um total de 70 mil discos ven- didos. Recebeu disco de platina nos EUA em Abril.



- Há muitos rumores sobre por que o grupo "Girafra" foi chutado da abertura dos shows na Tour americana. Alguns dizem que Ritchie não aguentou os heroísmos dos guitarristas, outros dizem que eles (os guitarristas) não aguentaram seu senso de humor ! De qualquer forma para o fim da tournee foi convidada a Girschool.

-Ronnie James Dio pretende conseguir algum Purple para o seu projeto Heavy Metal for Etiópia, idéia de Jimmy Bain.

- Ainda não coberto em nossa seção de vídeos, mas um filme chamado Water acaba de ser rodado. Há uma cena, perto do final do filme em que aparece uma banda tocando em um edifício. A escalação desse grupo é: George Harrison, Eric Clapton, Ringo Star e ...
JON LORD !



CARTAS

De cara, o nosso muito obrigado. Recebemos mais cartas que esperávamos e todas, sem exceção, nos transmitiram o apoio e incentivo que precisávamos para levar a frente a Sociedade. Infelizmente não temos espaço para publicar todas as cartas. Por isso, selecionamos trechos de algumas delas. Voltamos a insistir para que nos escrevam. Adoramos receber cartas !

Carta da Kátia de Santos /SP:

"... Na publicação nº 1 voces pediam a participação dos fans do Purple e decedentes. Pois foi por isso que escrevi. Confesso que já escrevi para vários fan-clubes do Purple que se diziam especializados para obter alguma informação ou até dar dicas. Mas a maioria não respondeu e me ignorou só por eu ser mulher e ter 14 anos."

Kátia, como voce vê, não só respondemos sua carta, como também a publicamos. O fato de voce ter 14 anos e ser mulher não impede que voce seja uma digna Purplemaníca. Aliás, não temos preconceito contra mulheres fans do Purple, muito pelo contrário...

Carta de Marcelo "Coverdale":

"...Em viagem recente feita por meu irmão a São Paulo ele trouxe o exemplar nº 1 do Into the Purple.

Fiquei completamente maravilhado pela qualidade do trabalho que voces realizam. Realmente voces são a primeira organização de fans que eu conheço que fazem um trabalho realmente esplendido.

Mas eu gostaria de saber se há a possibilidade de eu conseguir uma assinatura do Into the Purple."

Tucuruí - Pará

Primeiramente, gostaríamos de cumprimentá-lo pela numerosa família, pois recebemos mais de 10 cartas de Coverdales parentes seus. Em segundo lugar, falando sério, não temos plano de assinaturas devido a inúmeros problemas que tornam nossa periodicidade instável. Mas garantimos que voce será avisado de todas as atividades da sociedade, assim como já o foi para esse número dois.

Carta de Hélio Pereira Junior:

"...Alô pessoal, tudo bem ?

Somos um grupo de amigos que curtem muito o Deep Purple e suas ramificações e estamos procurando entrar em contato com fan-clubes para uma troca de informações, opiniões, sugestões, enfim um bate papo.

...Aqui em BH rola sempre o vídeo California Jam, realizado em 74, simplesmente incrível. A propósito, nos anos 70, emissoras como a Globo, em programas como o Rock Concert e Sábado Som, exibia o Purple por diversas vezes. Em 77, na Globo foi exibido um especial de 45 minutos.

Será que o globo ainda possui esses tapes ?

... gostaríamos de saber se vocês fazem gravações piratas, caso positivo, enviem-nos relação com preço, data, condições de pagamento."

Belo Horizonte - MG

Hélio & friends. Não sabemos se o globo ainda possui o vídeo que você citou. Mas sabemos quem o possui. Nós ! Outra coisa que você escreveu que achamos de interesse geral é sobre os boatos da saída de Gillan do Purple. Negativo. Eles já estão engatilhando o segundo LP. Quanto às gravações, como lhe foi respondido por carta, consulte nossa seção "serviços".

Carta de Perez I.N. Beneques:

"...ontem quando fui à uma loja de disco na Tijuca estava vendendo uma revista com o fabuloso Ritchie Blackmore na capa, e resolvi comprá-la. Cheguei em casa, li e adorei !

Escrevo-lhes esta carta por que desejo entrar de sócio para a Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple (espero que não seja muito caro por que estou meio duro), e gostaria de saber se vocês tem fitas piratas.

Estou disposto, de qualquer maneira, a ajudar para que a Sociedade cresça..."

Rio de Janeiro/RJ

A carta do Perez foi uma das muitas que recebemos do "Rio de Janeiro in the afternoon", o que nos surpreendeu. Perez, para você ser membro da Sociedade você só precisa de uma coisa: adorar o Purple desesperadamente. Agradecemos sua oferta e estamos aguardando o momento oportuno para acertarmos os detalhes. Não desgrave a fita !

Novamente queremos agradecer a todos vocês que escreveram. Lamentamos não publicarmos todas as cartas, mas é que não temos espaço suficiente. Registramos aqui o nome de todos aqueles que nos escreveram, esperando que quem não o fez, mande sua carta para nós, para tornar a nossa sociedade cada vez mais forte.

Cartas por ordem de chegada:

André Luis M. Behini (SP)	Luis Antonio M. Meirelles (RJ)
Eduardo Cury (SP)	Frederico de Araújo (RJ)
Luis Claudio F. Magalhães (RJ)	Angela Tricanico (SP) (2 cartas)
Marco Aurélio (SP)	Marcelo S. Ferreira (SP)
André Luis C. Rodrigues (RJ)	Marcelo Coverdale (Tucuruí-PA)
Eliseu Frechou (SP)	Yeddi S. Cremasco (Osasco-SP)
Flávio Loffredo (SP)	Hélio Pereira Jr. (MG)
Reinaldo B. Alves (S. André-SP)	Antonio de P.R. Jr. (MG)
Ricardo Blackmore (SP)	Carlos Roberto de A. (MG)
Flavio Blackmore Rodrigues (RJ)	Carlo M. Aguilár (MG)
Perez I.N. Beneques (RJ) (2 cartas !)	Otávio D'Andrea (Limeira-SP)
Sérgio Luis C. Martorelli (RJ) (2 cartas !)	Maurício Lamussi (SP)
	Luis Fernando Reis (SP)
	Kátia (Santos-SP)
	Rubens Paschoal (Atibaia-SP)
	Ernesto Marcelo Benitez (Dom Pedrito-RS)
	Deborah Sztajnberg (RJ)

INTO THE PURPLE

